

## Xisto Bahia: ilustre e desconhecido

Luciano Carôso  
PPGMUS-UFBA -Doutorado em Etnomusicologia  
e-mail: [lasilva@ufba.br](mailto:lasilva@ufba.br)

### Resumo:

O presente trabalho exemplifica e discute controvérsias, equívocos e lacunas existentes nos textos acerca da biografia e da produção de Xisto Bahia. Constantes reaproveitamentos de dados de fontes anteriores, sem a necessária verificação, perpetuam erros, propiciam confusões de nomes e de datas e até multiplicação de músicas. Os achados recentes evidenciam ainda mais a necessidade de se revisitar criticamente as informações relacionadas à sua vida e sua obra, aprofundando-as e ampliando-as.

**Palavras-Chave:** Xisto Bahia; Biobibliografia; Erros e controvérsias.

### Introdução

A extensa bibliografia que trata da trajetória do ator e músico Xisto de Paula Bahia (Salvador-BA, 5 de setembro de 1841 – Caxambu-MG, 30 de outubro de 1894) reforça fortemente o pensamento de que este tenha sido personalidade marcante no teatro e na música do Brasil. Pode-se seguramente depreender daí sua importância para o contexto artístico-histórico no qual estava inserido e entender por que os reflexos de sua obra chegam até os nossos dias.

Se se pode ter certa idéia do caminho que trilhou como ator: cidades por onde passou, companhias que integrou, alguns espetáculos nos quais atuou (T. Bahia, 1895: 1-2; Boccanera, 1923: 281-283; Salles, 1980: 283-298 e Sousa; 1960: 95-96, entre outros) e suas desilusões com a profissão<sup>1</sup>, quando o assunto é o músico Xisto, as notícias ficam dispersas e especulativas. Informações como a que teria sido barítono ou que tocasse violão (Souza, 1954: 51) parecem se fundamentar na tradição oral, e, em casos como o dele, tendem a vir acompanhadas de uma certa “folclorização”. José Ramos Tinhorão cita nota da *Gazeta de Piracicaba*, de 1888, onde está escrito que o ator “cantou ao violão as modinhas do capadócio” (1991: 24). Isto pode não ser suficiente para identificá-lo como violonista, já que há margem para que o violão tenha sido tocado por outra pessoa.

O compositor Xisto dependeu quase que exclusivamente da oralidade, o que dificulta, algumas vezes, a identificação de peças de sua lavra. Mesmo em casos como o lundu “Isto é bom”, onde há vasta tradição que lastreia a afirmativa de que é de sua autoria, variantes de texto e a utilização em gravações de uma quadra supostamente disseminada há séculos, já suscitaram questionamento até de plágio. Em *As Origens da Canção Urbana*, Tinhorão afirma – equivocadamente, entende-se aqui – que Xisto se apropriou de uma quadra setecentista publicada no periódico lisboeta *Almocreve de Petas* (1997: 179). Não há como provar que tal quadra tenha feito parte do que se poderia chamar de “versão original”, se é que esta existiu, pois só aparece num único contexto musical (mesmas cidade e época). São três gravações, feitas no início da indústria fonográfica brasileira, que ele toma como base para justificar a suposta apropriação, esquecendo

---

<sup>1</sup> Affonso Ruy de Souza transcreve carta (pelo visto, parcialmente) enviada por Xisto em resposta a Tomaz Antônio Espiúca. Espiúca, seu colega de palco, teria abandonado a ribalta para se dedicar ao “curso doutoral”. Anos mais tarde envia missiva a Xisto pedindo conselhos sobre um possível retorno ao teatro. Xisto, então profundamente desgostoso com as agruras da profissão, o desaconselha fortemente. A íntegra de tal carta constaria do *Anuário da Casa dos Artistas*, 1942, pg. 108 (Souza, 1954: 45-48).

que houve uma grande disseminação do “Isto é bom”, por via de transmissão oral, facilmente constatada em muitas outras gravações e registros gráficos encontrados, e que não contemplam a quadra em questão<sup>2</sup>.

Mesmo não havendo partituras autógrafas (ou outra via comprobatória), modinhas como o “Quiz de balde” e “A Duas Flores” ou lundus como “A Mulata” e “O Pescador”, têm textos atribuídos a autores conhecidos, a maioria deles com comprovada ligação com Xisto, e não há razões para se lançar dúvidas sobre serem suas efetivas criações musicais, como fartamente se afirma. Tem-se porém a sensação de que grande parte dos seus dados biográficos e de produção carece de uma revisão crítica, por meio de investigação documental e de campo. Ou seja: pesquisa ainda a ser feita.

### Controvérsias em datas pessoais e nomes de parentes

O texto biográfico mais antigo sobre Xisto, ao qual se teve acesso na elaboração deste trabalho, foi escrito por seu sobrinho, o professor Torquato Bahia, e publicado pouco mais de seis meses após sua morte, no *Diário da Bahia*, a 15 de maio de 1895. Pode-se pensar que por ser contemporâneo e parente, portanto supostamente mais próximo que os demais e com mais possibilidades de acesso a dados e documentos de família, Torquato traga datas pessoais e nomes de familiares (pais, irmãos e filhos) mais confiáveis. Pela quantidade de informações gerais que fornece e a aparente consistência na apresentação e concatenação dos dados, é realmente possível que o autor dispusesse de boa documentação a lastreá-lo. O fato é que seus escritos, direta ou indiretamente, serviram como base para muitos outros. Assim, em maior ou menor grau, é viável fazer comparações do seu texto com o que foi publicado posteriormente.

As datas de nascimento e morte mais frequentes no contexto bibliográfico consultado são as fornecidas por Torquato: 05/09/1841 e 30/10/1894 (T. Bahia, 1895: 1-2; Boccanera, 1923: 281; Jatobá, 1952: 497-500; Souza, 1954: 29 e 51; Vasconcelos, 1977: 274 e 279; entre outros.)<sup>3</sup>. Há, porém, os que mencionam 06/08/1841 como data de nascimento (Bastos, 1898: 289; Marcondes, 2000: 58; Jacob, 2005: 4 e 7, por exemplo) e quem date sua morte a 29/10/1894 (Salles, 1980: 295).

A maioria também diz que Xisto Bahia é filho de Francisco de Paula e Thereza de Jesus Maria do Sacramento Bahia. A *Enciclopédia da Música Brasileira*, porém, traz uma versão diferente: Francisco de Paula Bahia e Teresa de Jesus Maria do Sacramento (Marcondes, 2000: 58). Até onde se pôde averiguar, pode ter havido no Brasil daquela época a prática de se por o nome da mãe após o do pai, como até hoje é comum em alguns países de língua hispânica.

Torquato relaciona cinco irmãos de Xisto: Soter Bahia da Silva Araujo, Francisco Bento de Paula Bahia, Horacio de Paula Bahia, Macario de Paula Bahia e Eulalia Bella da Silva Bahia (1895: 1). Boccanera, ao reproduzir o texto de Torquato, omite Macario (1923: 284) e, ao que parece, é seguido por outros (Souza, 1954: 29 e Jacob, 2005: 4).

Torquato ainda menciona quatro filhos: Augusto, Maria Augusta, Thereza e Manuela (1895: 2). Vem Boccanera transcrevendo-o, como há pouco referido, e grafa: “Era casado com D. Victorina de Lacerda Bahia, de cujo consorcio houve os seguintes filhos: Augusto, **Maria, Augusta** [grifo nosso], Thereza e Manuela” (1923: 286), possivelmente uma desatenção do autor, fazendo surgir uma nova filha de Xisto. Deve ter inclusive suscitado a confusão feita por Jacob, que em um momento afirma ter Xisto quatro filhos e mais adiante relaciona os supostos cinco, como fizera Boccanera (Jacob, 2005: 3 e 7).

---

<sup>2</sup> Uma proposta de comunicação submetida à ABET 2006 aborda especificamente essa questão (Cf. Luciano Carôso, “A disseminação pela oralidade do lundu ‘Isto é bom’: um estudo comparativo de gravações e de registros gráficos”). Foram consideradas 20 versões do “Isto é bom. Pelo menos 12 delas não utilizam a quadra citada por Tinhorão ao afirmar a existência de plágio.

<sup>3</sup> Vasconcelos anteriormente havia trazido 1842 como ano de nascimento (1964: 115).

## A multiplicação de músicas

Mello lista algumas obras de Xisto, após uma longa e hiperbólica “análise” do “Quiz de balde”<sup>4</sup>: “Foram também de sua lavra: Perdôa-me ou sê clemente; Isto é bom; Á Duas flores; O mulato; A mulata (Eu sou mulata vaidosa, linda, faceira, mimosa); Minha dor; A preta mina; Que valem flores; Sempre ella; Tyranna; etc” (1908: 244). Cernicchiaro relaciona, além de outras<sup>5</sup>, essas três: “A mulata”, “Eu sou mulata vaidosa, linda faceira” e “Mimosa” (1926: 56). O que era então em Mello, uma citação dos primeiros versos de “A mulata”, transformou-se, com Cercicchiario, em três músicas. Almeida, referindo-se a Cernicchiaro, consolida uma versão um pouco diferente para “A mulata” e seus “desdobramentos”: “‘A Mulata’, ‘Eu sou Mulata vaidosa’ e ‘Mimosa’”<sup>6</sup> (1942: 67). Salles, seguindo um caminho que provavelmente passou por outros além dos citados, dá prosseguimento à multiplicação de “A mulata”, enumerando, entre outras<sup>7</sup>: “A Mulata”, “Eu sou mulata vaidosa”, “Linda Faceira” e “Mimosa” (1980: 295). Por esta trilha, nota-se que o que era uma única música em Mello, transformou-se em quatro, na relação de Salles, quase setenta anos depois.

Este tipo de desdobramento é muito freqüente também com o “Isto é bom”, que tem como primeiro verso (Iaiá você quer morrer?). Este verso torna-se uma nova música em muitas oportunidades (Salles, 1980: 295 e Bião, 2003: 12, entre outros). Há outros casos menos incidentes.

## Questões relacionadas a autoria

Gonçalves Pinto refere-se à famosa personagem interpretada por Xisto na comédia escrita por Arthur Azevedo, “Uma Véspera de Reis”, como “Conegundes” (1936: 167), no que é repetido por Braga ao citá-lo em sua tese (2002: 218). Acontece que há vasta bibliografia que nomina a mesma personagem como “Bermudes”, inclusive o próprio Azevedo, na edição do texto desta comédia à qual se teve acesso (2002: 3). Lisboa Júnior atribui a autoria do mesmo espetáculo a Xisto (1990: 15), informação, segundo ele, obtida de Sílio Boccanera em seu livro *O Teatro na Bahia*, o que não se pôde confirmar. Como no caso anterior, a grande maioria afirma que este texto seria unicamente de Azevedo. Novamente há, nos escritos do próprio, uma possível explicação para a confusão, como, entre outros, Bião esclarece ao transcrevê-los. Em carta publicada em *O País*, a 7 de novembro de 1894, Azevedo conta que diante do que fizera Xisto com o “Bermudes”, que, segundo ele, “pôs-lhe dentro uma alma”, oferece-lhe a co-autoria do espetáculo, o que Xisto, imediatamente, rechaça (2003: 14). Erros grosseiros como estes são mais freqüentes do que parecem e produzem reflexos, como o do caso observado acima.

Pela tradição oral que parece refletida na bibliografia consultada (Guimarães, 1933: 79, além dos já citados), e também guardados erros e equívocos como os já mencionados, não há muito o que se questionar acerca da atribuição de autoria a Xisto de músicas como o “Isto é bom” ou o “Quiz de balde”, como já foi dito. Outras gozam de situação semelhante. É certo, contudo, que nesta seara ainda há também muito chão movediço a se pisar. Temos, por exemplo, o caso de “A preta mina”, atribuída a Xisto, como já vimos. Mariz parece ser uma exceção ao referir-se a ela: “Como compositor, será lembrado pela famosa *Preta mina*, cançoneta atribuída somente a Ernesto de

---

<sup>4</sup> O texto faz referência a alguns aspectos técnicos sem distanciamento. Refere-se ao “Quiz de balde” como uma “verdadeira epopéia de seu sentimento lírico”, bem ao gosto de certas visões analíticas antiquadas lançadas sobre obras de Mozart e do repertório da ópera italiana, dentre outros.

<sup>5</sup> As outras são: “Isto é bom”, “O mulato”, “A preta mina”, “Sempre ella” e “Tiranna”.

<sup>6</sup> O autor discorre: “Entre as suas canções mais aplaudidas tiveram grande popularidade as seguintes: “Quiz Debalde”, “O Mulato”, “A Mulata”, “Isto é bom”, “Eu sou mulata vaidosa”, “Mimosa”, “A Preta Mina”, “Sempre ela”, “Tirana”, etc”.

<sup>7</sup> Quais sejam: “Isto é bom”, “Quiz de balde varrer-te da memória”, “Iaiá, você quer morrer?”, “O Mulato”, “A Preta Mina”, “As duas flores” e “Tirana”.

Sousa” (1985: 45). O autor talvez tenha tomado conhecimento de documento de registro de direitos autorais da Biblioteca Nacional, datado de 11 de dezembro de 1900, que dá notícias de partitura para canto e piano de “A Prêta Mina. Cançoneta, autor Ernesto de Souza”<sup>8</sup>. Também se pode encontrar “A preta mina” atribuída aos dois, Xisto e Ernesto, como no banco de partituras do Núcleo de Estudos Musicais (NEMUS), acessível em <<http://www.nemus.ufba.br>> e em Alencar (1984: 82).

“Perdoa-me ou sê clemente” também está entre as mais atribuídas a Xisto, às vezes, inclusive, com texto creditado a Joaquim Serras [sic] (Marcondes, 2000: 59). Porém, em *Cantor de Modinhas Brasileiras*, coleção de modinhas publicada em 1895, lê-se: “Perdoa...sê clemente. Poesia e musica de Raymundo Caetano (do Maranhão)” (1895: 301).

### Achados recentes e fatos não mencionados nas fontes

Torquato ressalta a participação de Xisto como redator em *O Pharol*, periódico publicado no Pará. A comédia *Duas páginas de um livro*, escrita pelo ator e músico, é fartamente referenciada e há um exemplar conhecido que se encontra no Centro de Documentação e Informação Cultural da Fundação Clemente Mariani, em Salvador, segundo Jacob (2005: 6). Através destes temos notícias do Xisto autor de peças teatrais e ensaios. É o que se poderia apurar desta sua faceta<sup>9</sup>, no universo consultado, se não se chegasse a um exemplar de *O capadocio: scena comica brasileira*, (Figura 02)<sup>10</sup> que já se confirmou existir no acervo do Instituto Moreira Salles, em São Paulo, como também a autoria de Xisto Bahia. Também se encontrou um poema, por nome “Quadro”, (Figura 01) escrito por ele no Pará em 1881 e publicado em 25 de junho de 1887, no periódico carioca *A Vida Moderna*, fundado por Luiz Murat. A edição de 15 de janeiro do mesmo ano dá notícia de “uma série de espetáculos” que Xisto começaria a apresentar por aqueles dias no teatro de Niterói.

Manuscritos da partitura de “Uma Véspera de Reis” (Figura 03), do maestro e compositor Francisco Libânio Colás sobre o texto de Arthur Azevedo, e de um arranjo de Fructuoso Vianna para o “Quiz de balde”, encontrados na Biblioteca Nacional, certamente permitirão, por um lado, a reconstituição contemporânea do espetáculo que mais fama trouxe a Xisto, e por outro, a comparação de uma concepção harmônica mais moderna com vários outros exemplos, no estudo da transmissão desta famosa modinha.

Há notícia no *Jornal da Bahia* de 7 de setembro de 1885 da montagem, no teatro São João, de *Duas páginas de um livro*, (Figura 04) tendo o próprio Xisto no papel de Leonardo. O exemplar nº 1 do periódico *Xisto Bahia*, (Figura 05) publicado em Santos-SP, a 20 de janeiro de 1895, pretendeu claramente angariar fundos para a viúva e as duas filhas mais novas de Xisto, anunciando espetáculo no Grêmio dramático Arthur Azevedo, da mesma cidade, “em benefício da viúva e filhas do pranteado actor Xisto Bahia”. Esta não foi uma iniciativa isolada já que a mesma edição do *Diário da Bahia*, que publicou a biografia escrita por Torquato, anunciava uma “festa artística em benefício da família do grandioso actor bahiano”, para a qual se requisitava a “coadjuvação dos officiaes do exercito”.

### Considerações finais

Vê-se então o quanto os jornais e periódicos, junto com outras fontes documentais, podem ajudar a enriquecer os dados sobre a vida e a obra de Xisto Bahia e talvez até esclarecer pontos que

---

<sup>8</sup> O documento em questão é um dos muitos arquivos digitais constantes em um dos *FotoCds* que acompanham o livro *A Casa Edison e seu Tempo*, de Humberto Franceschi (2002).

<sup>9</sup> Torquato menciona um texto publicado no *Pharol* em apoio à educação lazarista no Brasil. *Duas páginas de um livro* tem teor abolicionista.

<sup>10</sup> As figuras estão em anexo, no final deste artigo, após a Lista de Referências.

continuam completamente obscuros como a natureza da doença que o levou ao óbito e o local onde está enterrado. Nota-se que há boas possibilidades de se construir uma biografia mais consistente, ampliada criticamente em relação aos dados existentes e embasada nas referidas fontes documentais.

Sua produção musical, tida pelo consenso geral como de excelente qualidade e visceralmente associada à modinha e ao lundu, gêneros fartamente referidos como de raiz para a música brasileira, merece estudo mais aprofundado, pela sua importância histórica e disseminação pela oralidade.

Afinal fala-se da vida e da obra de um dos pioneiros, talvez o mais importante, do que se vem chamar em dias mais recentes de Música Popular Brasileira, no seu tipo composicional mais freqüente: a canção.

## Lista de Referências

- Alencar, Edigar de. (1984). *Clareza e Sombra na Música do Povo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; [Brasília]: INL.
- Almeida, Renato. (1942). *História da Música Brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp.
- Azevedo, Artur. [2003]. *Uma Véspera de Reis*. Pará de Minas - MG: Virtual Books Online Editores Ltda.
- Bahia, Torquato. 15 mai. 1895. “Xisto Bahia”. *Diário da Bahia*: 1-2.
- Bahia, Xisto de Paula. (1872). *Dois Páginas de um Livro*. Maranhão: Tipologia do Paiz.
- . (1893). *O capadocio: scena comica brasileira*. Rio de Janeiro: A. Fábregas.
- Bastos, Sousa. (1898). *Carteira do artista: apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*. Lisboa: Bertrand.
- Bião, Armindo; Cristiane A. Ferreira, Ednei Alessandro e Carlos Ribas (pesqs.). 2003.1. “Xisto Bahia”. *Revista da Bahia*. Nº 37: 4-14.
- Boccanera Junior, Sílio. (1923). *Autores e Actores dramáticos, Bahianos, em especial: Biographias*. Bahia [Salvador], Imprensa Official do Estado.
- Braga, Luiz Otávio Rendeiro Correa. (2002). “A Invenção da Música Popular Brasileira: de 1930 ao final do Estado Novo”. Tese submetida ao Programa de Pós- Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ.
- Cantor de Modinhas Brasileiras*. (1895). Collecção completa de lindas modinhas, lundús, recitativos, etc., etc. 9ª edição muito aumentada. Rio de Janeiro – São Paulo: Laemmert & C.
- Cernicchiaro, Vincenzo. (1926). *Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni*. Milano: Fratelli Riccioni.
- Franceschi, Humberto Moraes. (2002). *A Casa Edison e seu Tempo*. Rio de Janeiro: Sarapuí.
- Guimarães, Francisco (Vagalume). (1933). *Na Roda de Samba*. Rio de Janeiro: Typ. São Benedicto.
- Jacob, Adriana. 24 jul. 2005. “Xisto Bahia”. *Correio da Bahia*. Caderno Domingo Repórter: 3-7.
- Jatobá, Paulo. (1952). “Xisto Bahia, um artista nacional”. *Revista do IHGBA* v. 77: 497-500.
- Lisboa Junior, Luiz Americo. (1990). *A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira*. Brasília: Musimed.
- Marcondes, Marcos Antônio (Ed.). (2000). *Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, Folclórica, Popular*. 3ª ed. . São Paulo: Art Editora – Publifolha.
- Mariz, Vasco. (1985). *A Canção Brasileira*. 5ª ed. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira

- Mello, Guilherme T. P. de. (1908). *A Música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Bahia: Tip. São Joaquim.
- Pinto, Alexandre Gonçalves. (1936). *O Choro: reminiscencias dos chorões antigos*. Rio de Janeiro.
- Sales, Vicente. (1980). *A música e o tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura.
- Sousa, J. Galante. (1960). *O teatro no Brasil*. Tomo II. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- Souza, Affonso Ruy de. (1954). *Boêmios e seresteiros bahianos do passado*. Salvador: Livraria Progresso.
- Tinhorão, José Ramos. (1991). *Pequena história da música popular: da modinha à lambada*. 6ª ed. rev. e aum. São Paulo: Art. Editora.
- . (1997). *As Origens da Canção Urbana*. Lisboa: Editora Caminho.
- Vascelos, Ary. (1964). *Panorama da música popular brasileira*, vol. I. São Paulo: Livraria Martins
- . (1977). *Raízes da música popular brasileira (1500-1889)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo ed.

Anexo - Figuras

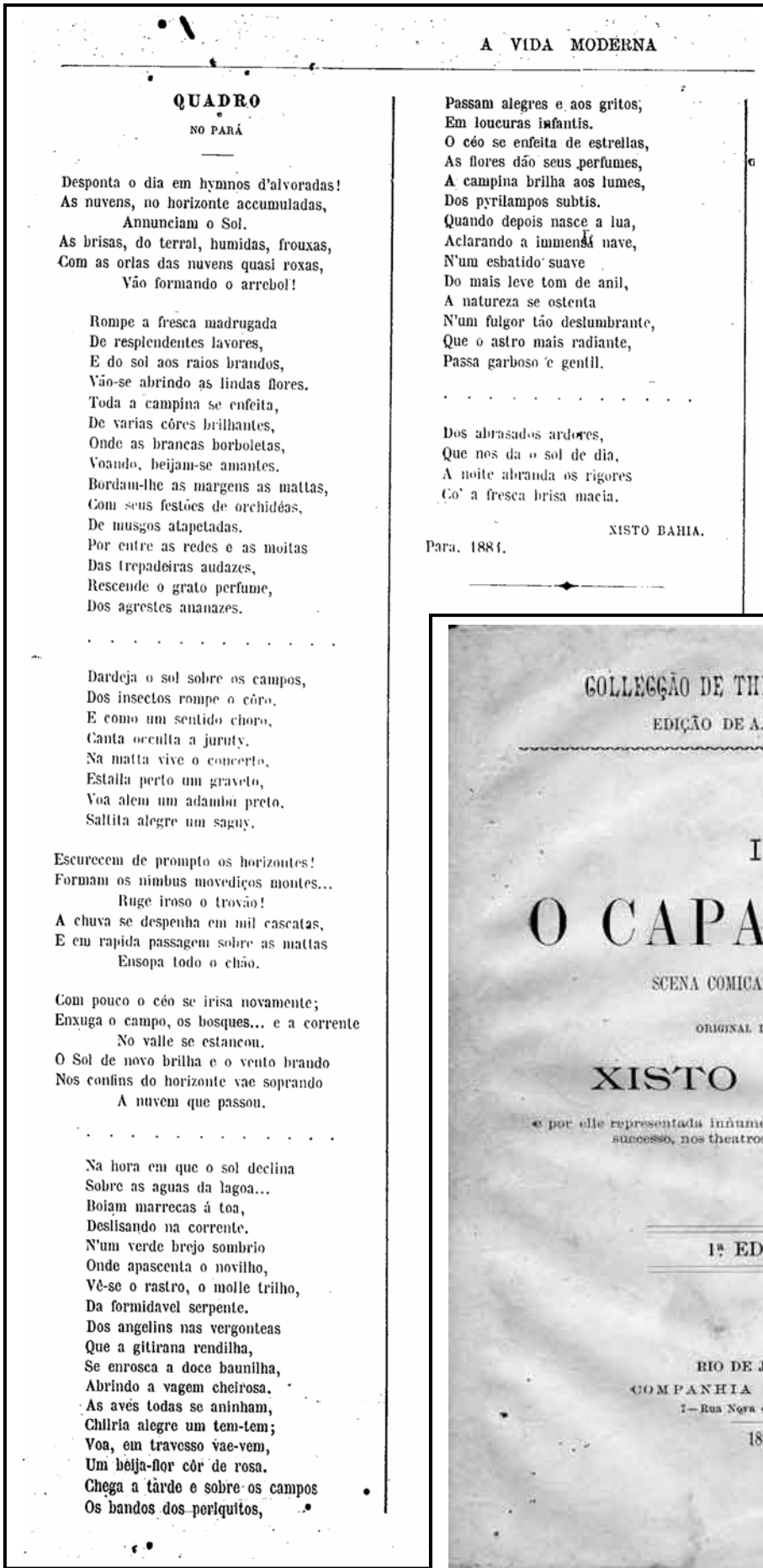


Figura 01: "Quadro", poema de Xisto Bahia publicado na edição de 25 de junho de 1887 do periódico A Vida Moderna.

Fonte: CECULT - UNICAMP

Figura 02: Folha de Rosto de O Capadocio, texto teatral de Xisto Bahia.

Fonte: Instituto Moreira Salles - SP

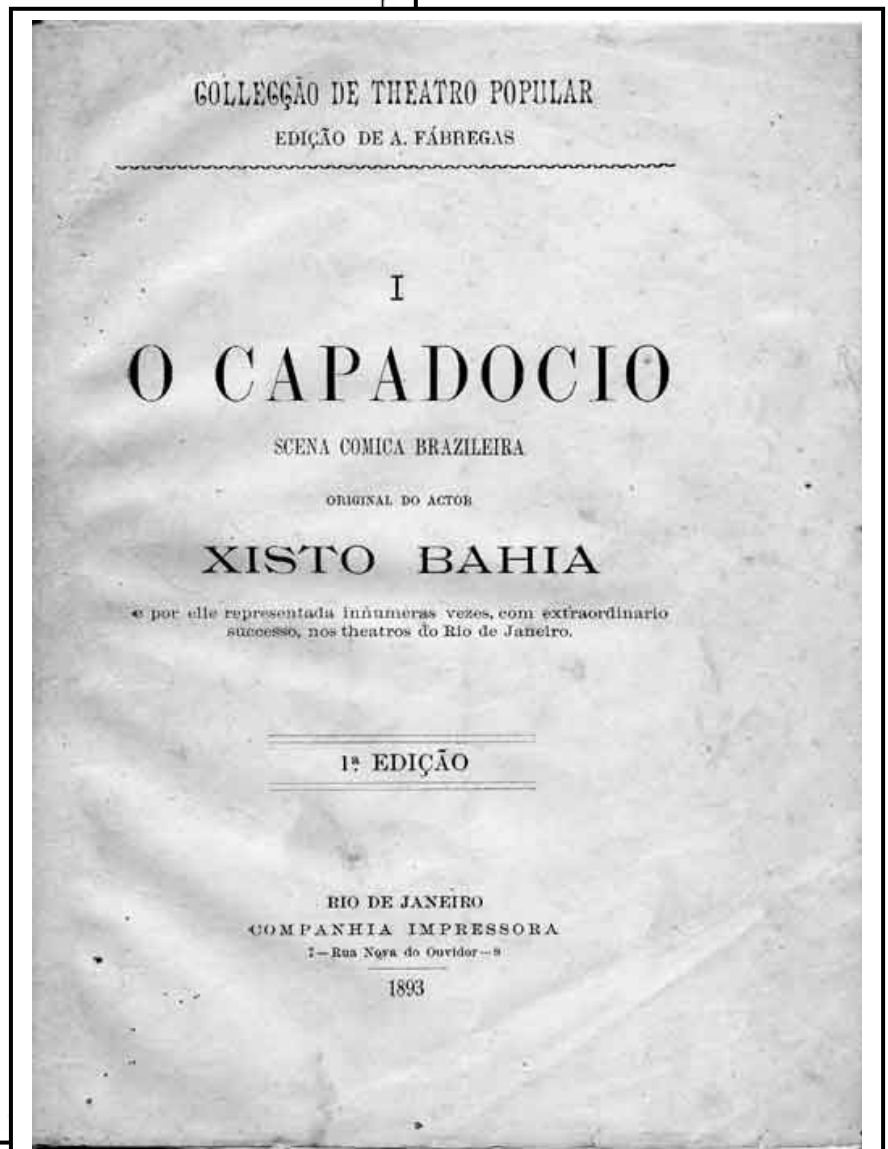
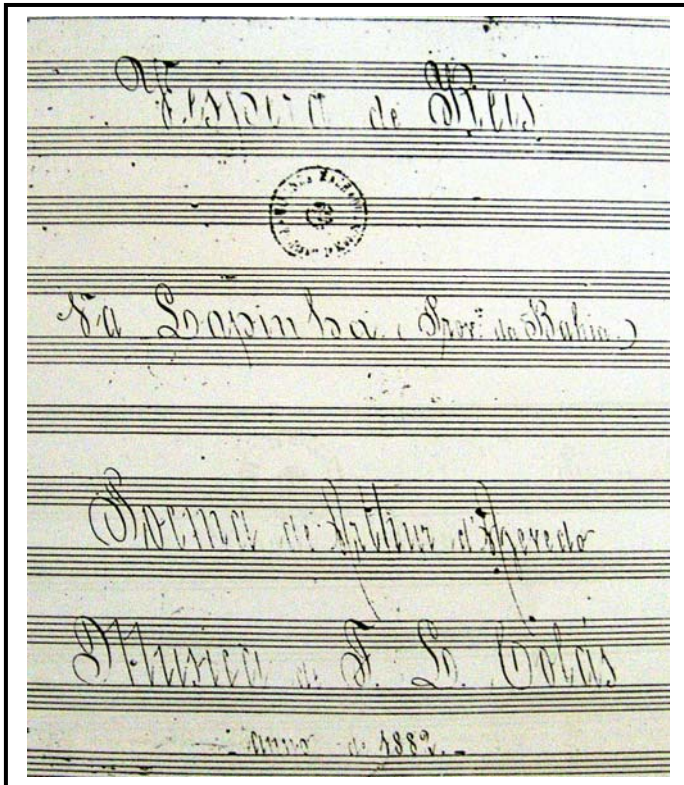


Figura 03: Frontispício do manuscrito de  
“Uma Véspera de Reis”.  
Fonte: Biblioteca Nacional



**THEATRO S. JOÃO.**

**EMPRESA VICENTE**  
SEGUNDA-FEIRA 7 DE SETEMBRO  
RECTA LIVRE D'ASSIGNATURA

**ESPECTACULO EM GRANDE GALA**  
Para solemnizar o anniversario da  
**Independencia do Imperio**

Logo que comparecer na tribuna S.  
Ex. o Sr. presidente da provincia, a actriz  
Manoela Luczi, acompanhada por todos  
os artistas, cantará o

**HYMNO NACIONAL**  
perante a augusta escripta de  
**S. M. O IMPERADOR**  
Seguir-se-ha a 1ª representação da co-  
media drama em 3 actos

**2 PAGINAS D'UM LIVRO**  
original brasileiro do artista  
**Xisto de Paula Bahia**

DISTRIBUIÇÃO

O commendador	Thomas
O Lurão de Biriba	Camara
Leandro	Bahia
Eduardo	Santos
Dr. Ismael	Florindo
Um creado	A. Augusto
Belmira	D. Josephina
Julia	D. Mara Bahia
Maria	D. Emilia
D. Carlota	D. G. Augusta

Açena passa-se no Rio de Janeiro  
na epocha actual.

Terminará o espectáculo com a 1ª re-  
presentação da opereta em 1 acto, de  
costumes chinezes.

Figura 04: Chamada para o espetáculo  
“Duas páginas de um livro” no Teatro São  
João, publicada na edição de 7 de  
setembro de 1885.  
Fonte: Arquivo Público do Estado da  
Bahia

Santos -- Estado de S. Paulo

Avulsa... **XISTO BAHIA** ...Altraçada...

Iniciativa de C. Victorino, Z. Chaves, J. Barboza, A. P. Faria e P. Valverde (operarios typographos)

ANNO I || DOMINGO, 20 DE JANEIRO DE 1895 || NUM. 1

Figura 05: Cabeçalho da edição nº 1 do periódico Xisto Bahia.  
Fonte: Biblioteca Nacional